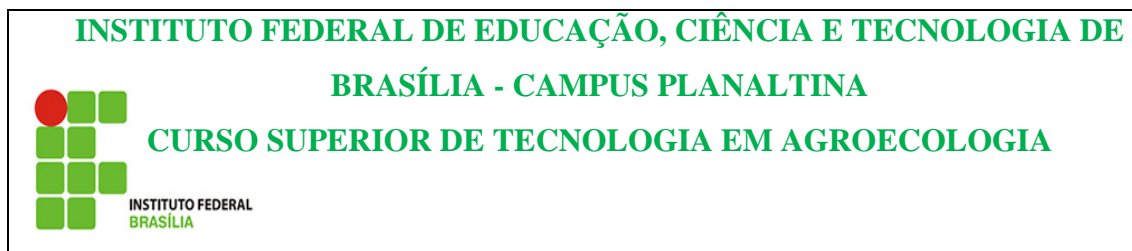


JUDITE ARAÚJO DE SOUSA E YARA SOUSA DA SILVA

**ESTUDO COMPARATIVO DE PLANTAS MEDICINAIS USADAS
PELOS MORADORES DE SOBRADINHO - DISTRITO FEDERAL**

Planaltina – DF
2018



ESTUDO COMPARATIVO DE PLANTAS MEDICINAIS USADAS PELOS MORADORES DE SOBRADINHO - DISTRITO FEDERAL

JUDITE ARAÚJO DE SOUSA E YARA SOUSA DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB, como parte das exigências para a obtenção do grau de Tecnólogo em Agroecologia.

ORIENTADORA: Professora Doutora Silvia Dias da Costa Fernandes

COORIENTADORA: Professora Doutora Marina Neves Delgado

Planaltina – DF
2018

TERMO DE APROVAÇÃO

JUDITE ARAÚJO DE SOUSA E YARA SOUSA DA SILVA

**ESTUDO COMPARATIVO DE PLANTAS MEDICINAIS USADAS
PELOS MORADORES DE SOBRADINHO - DISTRITO FEDERAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, aprovado como
requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em
Agroecologia do Instituto Federal de Brasília, pela seguinte
banca examinadora:**

Dra. Silvia Dias da Costa Fernandes

(IFB – Planaltina - DF)

Dra. Edilene Carvalho Santos Marchi

(IFB – Planaltina - DF)

Msc. Patrícia Sedrez da Rosa Silva

(IFB – Planaltina - DF)

*Consagre ao Senhor
tudo o que você faz,
e os seus planos serão bem sucedidos.*

Provérbios 16:03

*A Deus pelo dom da vida
Aos nossos pais e todos os familiares
A todas as pessoas que se dedicam
compartilhando do seu amor e sabedoria
para fazer um mundo melhor*

Dedicamos...

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado da colaboração de muitas pessoas que contribuíram para a sua construção. Por este motivo queremos agradecer primeiramente a Deus, por nos dar a oportunidade de realizar um curso superior, pela força, luz e capacitação para a realização de tudo aquilo que nos foi proposto.

Às nossas famílias, que nos apoiaram e torceram pela nossa conquista, almejando sempre a nossa vitória.

Às nossas orientadoras Dra. Marina Neves Delgado e Dra. Silvia Dias da Costa Fernandes, pela atenção, disponibilidade, paciência, dedicação e profissionalismo na orientação ao longo desse trabalho.

Aos amigos que fizemos durante esses anos de faculdade, que puderam nos proporcionar momentos alegres e de aprendizado.

A todas aquelas pessoas que, com a sua atenção, interesse e paciência contribuíram para que todas as informações obtidas pudessem chegar à conclusão desse trabalho.

Obrigada por tudo!

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Dados sociais/pessoais e do conhecimento etnobotânico obtidos por meio de entrevistas.....	14
Tabela 2 - Dados sociais/pessoais dos entrevistados da área urbana e da área rural de Sobradinho-DF.....	17
Tabela 3 - Espécies medicinais citadas no levantamento etnobotânico em Sobradinho-DF.....	21
Tabela 4 - Ordem decrescente de uso das plantas medicinais em Sobradinho-DF	28
Tabela 5 - Indicações de uso das plantas medicinais em Sobradinho-DF	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Características das plantas medicinais usadas para seu reconhecimento pelos moradores da área urbana e rural de Sobradinho-DF.....	20
Figura 2- Parte das plantas medicinais usadas na administração terapêutica pelos moradores da área urbana e rural de Sobradinho-DF	33
Figura 3- Forma de administração das plantas medicinais usadas pelos moradores da área urbana de Sobradinho-DF.....	34
Figura 4- Forma de administração das plantas medicinais usadas pelos moradores da área rural de Sobradinho-DF.....	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVO	13
2.1 Objetivo Geral.....	13
2.2 Objetivos Específicos.....	13
3. MATERIAL E MÉTODOS.....	14
3.1 Levantamento etnobotânico em Sobradinho-DF	14
3.2 Análises dos dados coletados nas entrevistas.....	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
5. CONCLUSÃO.....	35
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

RESUMO

As plantas medicinais são empregadas como recursos na medicina por grande parte da população mundial. Pesquisas demonstram que as plantas medicinais usadas para tratamento de enfermidades humanas atuam na melhoria da saúde, sendo um modo de garantir a sobrevivência. O objetivo deste estudo foi realizar um levantamento sobre conhecimento e uso de plantas medicinais utilizadas pelos moradores da área urbana e rural de Sobradinho – DF e avaliar a relação do conhecimento etnobotânico com a idade, local de nascimento/criação, procedência urbana/rural, nível de conhecimento formal e informal, e tipo de profissão/ocupação. Foram entrevistados 40 moradores, sendo 20 da área urbana e 20 rural, através de um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas. Foram identificadas 128 espécies de plantas medicinais, sendo 61,72% nativas do Brasil e apenas 38,28% exóticas. Asteraceae, Lamiaceae e Fabaceae foram as famílias mais citadas. O conhecimento etnobotânico foi maior na área rural e entre as mulheres de ambas as áreas. Vale ressaltar que houve repetições nas formas de aquisição das plantas, com 75 casos de extração na vegetação e 180 de cultivo em casa. Nas duas áreas, as espécies mais citadas foram exóticas (hortelã, capim santo, boldo, babosa e erva cidreira). As indicações mais citadas foram calmante e combate à gripe. Por fim o trabalho comprova que o uso de plantas medicinais está bem presente entre a população de Sobradinho, preservando e mantendo o conhecimento etnobotânico.

Palavras-chave: Asteraceae, Cerrado, Fabaceae, Lamiaceae, plantas medicinais.

ABSTRACT

Medicinal plants are used as resources in medicine by a large part of the world's population. Research has shown that medicinal plants used to treat human diseases work in improving health and are a way of ensuring survival. The objective of this study was to evaluate the knowledge and use of medicinal plants used by the urban and rural inhabitants of Sobradinho - DF and to evaluate the relation of ethnobotanical knowledge to age, place of birth / personal growth, urban / rural origin, level formal and informal knowledge, and type of profession / occupation. A total of 40 residents were interviewed, 20 of them from the urban area and 20 from the rural area, through a semi-structured questionnaire with open and closed questions. 128 species of medicinal plants were identified, 61.72% native to Brazil and only 38.28% exotic. Asteraceae, Lamiaceae and Fabaceae were the most cited families. Ethnobotanical knowledge was higher in rural areas and among women in both areas. It is noteworthy that there were repetitions in the forms of acquisition of the plants, with 75 cases of extraction in the vegetation and 180 cases of cultivation in the house. In both areas, the most cited species were exotic (mint, holy grass, boldo, aloe and lemon balm). The most cited indications were calming and fighting the flu. Finally, the work confirms that the use of medicinal plants is well present among the population of Sobradinho, preserving and maintaining ethnobotanical knowledge.

Keywords: Asteraceae, Cerrado, Fabaceae, Lamiaceae, medicinal plants

1. INTRODUÇÃO

Planta medicinal é aquela planta que apresenta substâncias com propriedades terapêuticas ou que seja usada na manipulação de químicos farmacêuticos (OMS *apud* LIMA, J.F. et.al., p.163, 2010). Segunda a ANVISA (resolução - RDC nº 26, de 13 de maio de 2014), as plantas medicinais são drogas vegetais, repletas de substâncias responsáveis pela ação clínica. Por isso, plantas medicinais são as plantas que possuem princípios terapêuticos ou que venham ser usadas na fabricação de químicos ou fármacos (VEIGA-JÚNIOR et al., 2005).

Por serem consideradas naturais, as plantas medicinais têm sido bastante empregadas na medicina popular (SIMÕES et al., 1998). Calcula-se que cerca de 80% da população mundial tem nas plantas medicinais sua única fonte de medicamento no que diz respeito à atenção primária em saúde (TOMAZZONI et al., 2006). Além disso, como muitas populações ou comunidades não têm acesso aos serviços de saúde, os moradores precisam usar plantas que supram a necessidade dos medicamentos farmacêuticos (SALVADOR, 2011). Por fim, de acordo com Bevilacqua (2010 *apud* CARNEIRO et al. 2014. p. 45), por ser de mais fácil acesso do que os medicamentos alopáticos, as plantas medicinais acabam se tornando um recurso alternativo para tratamento de sintomas de enfermidades por grande número de pessoas.

Infelizmente, o conhecimento popular acerca de tais plantas tem se perdido devido ao progresso humano (DIEGUES e VIANA 2004). Como fatores externos desse progresso podem ser citadas as imposições econômicas e culturais (AMOROZO, 2002). Além disso, nas populações tradicionais rurais e indígenas, o conhecimento é repassado verbalmente do mais velho para o mais novo por meio da socialização e do parentesco, o que não acontece nas sociedades urbanas com a passagem das gerações. Tais fatos justificam a importância do estudo sobre o uso popular das plantas medicinais, uma vez que tal conhecimento precisa ser resgatado (AMOROZO, 1996).

Embora o ensinamento popular sobre o uso das plantas medicinais venha diminuindo com o passar do tempo, dados do Ministério da Saúde mostram que, em contrapartida, a busca pela medicina alternativa vem aumentando desde 2013. Consta no SUS (Sistema Único de Saúde) um crescimento de 161% de busca pelo uso de plantas medicinais e fitoterápicos (MS, 2016). Por exemplo, as plantas medicinais começaram a ser usadas pelo SUS em 2007, e, em 2008, o Governo Federal aprovou o PNPMF (Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos) garantindo à população o uso racional das plantas e acesso seguro ao fitoterápico (MS, 2012).

O Cerrado é reconhecido mundialmente como a savana mais rica em espécies. Nele já foram identificadas 10 mil espécies de plantas (MEYERS et al., 2000), sendo 44% endêmicas

(SILVA; BATES, 2002). Considerado como o segundo maior bioma da América do Sul e com uma área de 2,04 milhões de km² no Brasil, o Cerrado abrange mais de 10 estados na região central do país, entre eles o Distrito Federal (SANTOS et al. 2010). Entre os estados que compõem o espaço territorial do Cerrado encontram-se três das maiores bacias hidrográficas, sendo elas a Bacia Amazônica/Tocantins, do Rio São Francisco e do Prata (MMA, 2014).

Segundo Ribeiro e Walter (1998), com 23% do território nacional, o Cerrado é classificado como um complexo vegetacional de diversidade fitofisionômica, ocorrendo desde vegetação campestre à vegetação florestal. Entretanto, apesar de sua grande importância biológica e social, posto que, muitos dependem dos recursos naturais encontrados no Cerrado, esse bioma vem tendo seus recursos naturais extintos devido à expansão agropecuária, produção de carvão, entre outros (MMA, 2014). Segundo Ratter et al. (1997), cerca de 40% do bioma já foi destruído, sendo que atualmente existem apenas 2,85% de unidades de conservação e 5,36% de unidades de uso sustentável no Cerrado (MMA, 2014).

Em relação a sua importância social ao que tange a grande riqueza de plantas medicinais nativas (GOTTLIEB; BORIN, 1994), a necessidade de preservar o Cerrado é cada vez mais recorrente dado que a degradação implica diretamente na perda da biodiversidade e, da mesma maneira, na perda de inúmeras espécies medicinais já catalogadas tanto quanto das que ainda não foram estudadas (PAGOTTO; SOUZA, 2006). Por isso, o estudo de plantas medicinais usadas por moradores do bioma Cerrado é de extrema importância já que tais espécies estão sendo extintas paulatinamente com a degradação da vegetação natural.

O Distrito Federal está situado na Região Centro-Oeste, no bioma Cerrado (ANUÁRIO DO DF, 2014a). Conforme dados do IBGE (2016), a área territorial em 2016 era de 5.779,997 km², com população, segundo o último censo demográfico do IBGE (2010), de 2.570.160 milhões de habitantes, vivendo 96,58% na área urbana e 3,42% na área rural. De acordo com a Companhia de Planejamento feita com base na Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal (PDADDF, 2015), sua população urbana foi computada em 2.906.574 habitantes, sendo que 48,92% dos residentes são naturais do Distrito Federal e os demais são imigrantes da Região Nordeste (52,15%), Sudeste (26,94%), Centro-Oeste (13,71%) e das Regiões Norte e Sul (6,65%) e apenas 0,52% de estrangeiros. Dentre os fatores que motivaram essa migração está o acompanhamento de familiares, principalmente filhos, que vieram em busca por trabalho.

Dentro do Distrito Federal, Sobradinho é a quinta Região Administrativa e foi fundada em 13 de maio de 1960 (ANUÁRIO DO DF, 2014b). Parte de sua população é constituída de imigrantes de outras regiões, com maior representatividade dos estados de Minas Gerais

(18,83%), Goiás (13,20%), Bahia (10,53%) e Piauí (10,43%) respectivamente. De acordo com os dados da PDAD (2015), sua população urbana é de 68.551 habitantes, sendo que 52,81% são nascidos no Distrito Federal e 47,19% são constituídos por imigrantes. Desse total em relação a naturalidade 51,81% são do Nordeste; 27,97%, do Sudeste, 14,31%, do Centro-Oeste (exceto DF); 4,06% do Norte e 1,57%, do Sul. Em relação a população segundo o sexo 45,45% são masculino e 54,55% feminino. Por ser uma cidade cuja população oriunda de vários estados brasileiros, apresenta uma diversidade de conhecimentos etnobotânicos bem distintos (PDAD, 2015).

Dado o exposto, o estudo do uso de plantas medicinais pela população de Sobradinho deve ser promissor, uma vez que Sobradinho se destaca por abranger dentre sua população, pessoas de diversas regiões do Brasil, o que contribui ainda mais para o aumento do conhecimento popular sobre plantas medicinais. Somado a isso, Sobradinho é uma das cidades mais antigas do DF e apresenta algumas áreas verdes de Cerrado, onde são observadas plantas medicinais. Segundo o IBRAM (2012), através do Projeto Mapear, que tem como objetivo identificar as áreas degradadas e as fitofisionomias do Distrito Federal, a cidade de Sobradinho possui quatro parques mapeados: Parque de Uso Múltiplo Centro de Lazer e Cultural Viva Sobradinho (Recreativo Sobradinho II), Parque Ecológico dos Jequitibás, Parque Ecológico e Vivencial de Sobradinho e Parque Recreativo e Ecológico Canela de Ema. Tal fato deve facilitar o acesso da população aos remanescentes do Cerrado onde há diversas espécies de plantas medicinais.

Portanto, o presente estudo visa realizar um levantamento etnobotânico das plantas medicinais conhecidas e usadas pelos moradores de Sobradinho – DF, compilando as espécies medicinais citadas pelos entrevistados e comparando tais resultados com a literatura etnobotânica de outras áreas de Cerrado, bioma detentor de grande riqueza florística, diferenciando de acordo com as características socioeconômicas e etnobotânicas da população urbana e rural de Sobradinho-DF.

2. OBJETIVO

2.1 Objetivo Geral

O presente projeto tem como objetivo geral realizar um levantamento etnobotânico das plantas medicinais usadas pelos moradores das áreas urbana e rural de Sobradinho-DF.

2.2 Objetivos Específicos

Elucidar quais são as espécies de plantas medicinais usadas pelos moradores das áreas urbana e rural de Sobradinho-DF;

Comparar o conhecimento etnobotânico dos moradores da área urbana com os da área rural de Sobradinho-DF;

Comparar a quantidade de espécies exóticas e nativas usadas como plantas medicinais pelos moradores de Sobradinho-DF.

Identificar as famílias das espécies utilizadas pelos moradores da área urbana e rural, mostrando a que está em maior abrangência na cidade de Sobradinho-DF.

Mostrar o local de obtenção das espécies medicinais em ambas as áreas, assim como se faz a identificação no ato da coleta ou compra.

Mostrar as partes das plantas que são usadas, assim como seu modo de uso.

Comparar as indicações de uso das plantas medicinais pelos moradores da área urbana e rural de Sobradinho-DF.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Levantamento etnobotânico em Sobradinho-DF

A prospecção das plantas medicinais utilizadas por moradores da área urbana e moradores da área rural de Sobradinho foi feita por meio de levantamento etnobotânico realizado através de entrevistas no período entre agosto de 2016 a fevereiro de 2017. No total foram 40 entrevistados, sendo 20 moradores da área urbana, 20 moradores da área rural, sendo que o método de escolha dos entrevistados foi o de “bola-de-neve”, isto é: conhecedores de plantas medicinais indicaram outros conhecedores para serem entrevistados (ALBUQUERQUE et al., 2008).

Todas as entrevistas foram semiestruturadas com perguntas prévias (perguntas abertas e fechadas) (ALEXIADES; SHELDON, 1996), porém com natureza interativa, pois estavam sujeitas a aprofundamentos (ALBUQUERQUE et al., 2008). Além disso, elas abordaram tanto perguntas sociais/pessoais, como local de nascimento, grau de escolaridade, gênero e procedência (origem rural ou urbana), quanto o conhecimento etnobotânico (origem do conhecimento, plantas mais usadas, modo de uso, etc) (Tab. 1).

Tabela 1: Dados sociais/pessoais e do conhecimento etnobotânico obtidos por meio de entrevistas

Dados sociais/pessoais	Dados etnobotânicos
1- Sexo	1- Planta medicinal citada
2- Loca de nascimento, criação e tempo de residência	2- Nome científico
3- Idade	3- Família botânica
4- Grau de escolaridade	4- Origem da espécie
5- Profissão	5- Indicação de tratamento
6- Origem do conhecimento etnobotânico	6- Modo de uso
7- Transferência do conhecimento etnobotânico	7- Partes usadas das plantas
8- Local de coleta das plantas medicinais	
9- Reconhecimento das espécies	
10- Acesso a serviço de saúde	

É importante ressaltar que a entrevista foi apenas feita após submissão da pesquisa na Plataforma Brasil, posterior aprovação pelo Comitê de Ética do Centro Universitário do Distrito Federal (56011516.6.0000.5650) e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo entrevistado.

3.2 Análises dos dados coletados nas entrevistas

As análises dos dados obtidos das entrevistas nas áreas urbana e rural foram feitas separadamente. Nos dois casos, foi confeccionada uma lista de espécies das plantas medicinais utilizadas e de suas indicações terapêuticas. A análise dos dados foi feita de forma qualitativa,

com o intuito de agregar respostas semelhantes entre si, e de forma quantitativa por meio de análises estatísticas descritas a *posteriori*.

A identificação das espécies foi feita com base na literatura: GRANDI et al. 1989; MANFRON et al. 1992; CORDEIRO et al. 1999; VILA VERDE et al. 2003; CARVALHO et al. 2004; MORAIS et al. 2005; TRANI et al. 2005; BORBA & MACEDO, 2006; CARDOSO et al. 2007; ASQUIERI et al. 2008; LORENZI & MATOS, 2008; LEITE & ANTHONISEN, 2009; ALMEIDA & NETO, 2010; FORZZA & LEITMAN, 2010; GARSZARECK, 2010; GIRALDI & HANAZAKI, 2010; SILVA et al. 2010; OLIVEIRA et al. 2011; OLIVEIRA et al. 2011; SANGALLI et al. 2011; SANTOS et al. 2011; BIESKI et al. 2012; MONTEIRO et al. 2012; NASCIMENTO et al. 2012; SILVA et al. 2012 BATTISTI et al. 2013; COSTA et al. 2013; RISSI & CAVASSAN, 2013; SOUZA et al. 2013; FURLAN et al. 2014; GOUVEA et al. 2014; RIBEIRO et al. 2014; VÁSQUEZ et al. 2014; MESSIAS et al. 2015.

Para os dados socioeconômicos, a verificação do efeito da idade, do local de nascimento, do grau de escolaridade, do gênero e da procedência (origem rural ou urbana) do entrevistado sobre o conhecimento acerca das plantas medicinais foi determinada pelo número absoluto de espécies medicinais citadas, pela porcentagem e frequência. Para tanto, foram confeccionados gráficos e tabelas.

Para alguns dados, foram feitas análises estatísticas a fim de descobrir (1) se havia diferença na quantidade de espécies nativas e exóticas citadas em Sobradinho e elucidar essa quantidade para cada área estudada, rural e urbana; (2) as principais plantas medicinais citadas; (3) o órgão ou parte da planta medicinal mais utilizado para se obter o princípio terapêutico (raiz, caule, casca, folha, flor, semente, fruto ou planta inteira); e (4) o principal local de coleta da planta medicinal (natureza, quintais domésticos, comércio ou outros). Em todos os casos, primeiramente foram analisadas a normalidade dos dados e a homogeneidade de variância por Shapiro-Wilk e teste de Levene, respectivamente. Para o item (1), a comparação da origem das espécies, a normalidade foi comprovada e, portanto, ANOVA seguida de teste de Tukey foram rodados. Entretanto, como a normalidade dos dados não foi comprovada para os itens (2), (3) e (4), os dados foram testados por Kruskal-Wallis seguindo de Mean-Whitney na comparação par a par. As análises estatísticas foram rodadas no Programa Past, considerando alfa igual a 5%.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total das quarenta entrevistas feitas na cidade de Sobradinho, 16 dos entrevistados eram homens e 24 eram mulheres, o que significa que 60% das pessoas detentoras de conhecimento etnobotânico eram do sexo feminino. Tal fato foi ainda mais enfatizado na área rural, onde 15 dos 20 entrevistados eram mulheres. Já na área urbana, apesar da quantidade dos entrevistados homens ter sido maior do que das entrevistadas mulheres, a diferença não foi tão significativa (Tab. 2). Esse resultado demonstra uma maior interação do sexo feminino com as plantas medicinais na região estudada. O domínio feminino no que tange ao conhecimento das plantas medicinais está relacionado à história da humanidade, a qual demonstra que as tarefas relacionadas aos cuidados caseiros com a família (alimentação e saúde) era considerada da mulher desde os primórdios da civilização humana (BUDÓ et al. 2008).

Tabela 2. Dados sociais/pessoais dos entrevistados da área urbana e da área rural de Sobradinho-DF.

Dados sociais	Área urbana	Área rural	Sobradinho
Homem	11	5	16
Mulher	9	15	24
Local de nascimento: DF	13	6	19
Local de nascimento: outros estados	7	14	21
Faixa etária: jovem (18 a 30)	5	4	9
Faixa etária: adulto (31 a 60)	14	12	26
Faixa etária: idoso (acima de 60)	1	4	5
Escolarização: analfabeto	0	1	1
Escolarização: Ensino Fundamental incompleto	0	6	6
Escolarização: Ensino Fundamental completo	0	5	5
Escolarização: Ensino Médio incompleto	0	0	0
Escolarização: Ensino Médio completo	1	4	5
Escolarização: Ensino Superior incompleto	8	2	10
Escolarização: Ensino Superior completo	11	2	13
Ocupação: servidor público	9	0	9
Ocupação: empregado CLT	3	5	8
Ocupação: autônomo	2	5	7
Ocupação: estudante	4	0	4
Ocupação: aposentado	1	2	3
Ocupação: do lar	1	8	9
Origem do conhecimento: familiar	20	16	36
Origem do conhecimento: livros e revistas	8	2	10
Origem do conhecimento: experiência própria	1	2	3
Origem do conhecimento: terceiros	4	6	10
Origem do conhecimento: outros	1	4	5
Ensina o conhecimento para outras pessoas	13	19	32
Não ensina o conhecimento para outras pessoas	7	1	8
Local onde adquire a planta: natureza	8	6	14
Local onde adquire a planta: cultiva em casa	12	17	29
Local onde adquire a planta: compra	9	7	16
Local onde adquire a planta: outros	3	6	9
Acesso ao Serviço de Saúde público	20	20	40
Sem acesso ao Serviço de Saúde público	0	0	0

N= 40 pessoas, sendo 20 na área urbana e 20 na área rural.

Com relação à naturalidade dos entrevistados, 19 deles nasceram no Distrito Federal e 21 nasceram em outros estados do Brasil, sendo que 65% dos entrevistados da área urbana nasceram no próprio DF enquanto que 70% dos entrevistados da área rural nasceram em outros estados (Tab. 2). Esses resultados demonstram que, em termos gerais, o conhecimento sobre plantas medicinais dos entrevistados em Sobradinho foi estabelecido tanto pela própria comunidade local quanto pelos indivíduos provenientes de outras regiões e que ali se estabeleceram, uma vez que a forma de conhecimento que prevaleceu foi a geracional, sendo

que a região rural foi a que mais contribuiu para a incorporação de conhecimentos tradicionais oriundos de outros estados brasileiros, como GO, MG, ES, RJ, PI, PE e BA. A ampla contribuição dos imigrantes no conhecimento sobre plantas medicinais em Sobradinho era esperada, pois a construção de Brasília-DF foi feita a partir de brasileiros que emigraram de outras regiões para as cidades do DF (PDAD, 2015).

Do total dos entrevistados, 26 eram adultos, nove jovens e cinco idosos. Tanto na área urbana, quanto na rural, a maior parte do conhecimento foi observada nos adultos. Tal resultado pode ter sido observado por diversas razões, como: (1) nas áreas amostradas a quantidade absoluta de adultos foi maior do que das outras faixas etárias; (2) as pessoas da faixa etária dos adultos estavam mais disponíveis para responder um questionário extenso do que idosos ou jovens. Nosso resultado, foi diferente do observado em alguns estudos nos quais os idosos são os grandes detentores de conhecimento etnobotânico (AMOROZO, 1996).

A escolarização dos entrevistados foi bastante variada, comprovando que o conhecimento etnobotânico está presente em todos os níveis da educação formal (Tab. 2). Entretanto, pôde-se perceber que a população entrevistada na área urbana tinha maior nível escolar do que a população da área rural, sendo que aquela estava sempre em busca de aprimoramento do conhecimento formal. Adicionalmente, a maioria da população entrevistada na área rural não finalizou a Educação Básica, verificando-se apenas um caso de analfabetismo. Nesse caso em particular, o entrevistado, que foi lavrador durante toda a sua vida, possuía um conhecimento bem vasto acerca das plantas medicinais e cultivava várias em sua chácara.

Os entrevistados apresentaram diversos tipos de ocupação profissional. Na área urbana, 45% dos entrevistados eram formados por servidores públicos. Já na área rural, 40% eram donas de casa. Nas duas áreas amostradas, foi possível estabelecer relação entre o conhecimento etnobotânico e o tipo de profissão. Os servidores públicos entrevistados trabalhavam em uma escola fazenda, sendo das áreas ambiental e agrária, reconhecidas por valorizarem o conhecimento sobre plantas medicinais. As donas de casa comprovaram o histórico de que as mulheres sempre tiveram um papel fundamental na agricultura e cuidados terapêuticos da família, pois, na área rural, a maioria das entrevistas foi com mulheres que revelaram seus conhecimentos sobre plantas medicinais adquiridos ao longo de anos (BEGOSSI et al. 2002). De acordo com Budó et al. (2008), “No cuidado familiar, no meio rural, a mulher é quem detém o saber sobre o cuidado. Ela aprende, em geral, no convívio com outra mulher, executa-o durante a sua vida e transmite este conhecimento também a mulheres, principalmente às filhas e às netas”.

A principal origem do conhecimento etnobotânico dos entrevistados nesse estudo foi a familiar. Tal fato foi comprovado nas duas áreas estudadas, a urbana e a rural de Sobradinho (Tab. 2). Segundo Guerra & Nodari (2003), durante milênios o conhecimento etnobotânico vem sendo transmitido de forma geracional. Entretanto, além da origem familiar, os entrevistados também relataram a ampliação dos seus conhecimentos acerca das plantas medicinais por meio de livros e revistas, experiências próprias e compartilhamento de informações com terceiros. Dado interessante foi de que os entrevistados da área urbana recorreram mais à busca de literatura para ampliar seus conhecimentos do que os moradores da área rural – fato esperado já que foi observado maior engajamento com estudos formais entre eles.

Do total de entrevistados, 32 ensinavam os aprendizados etnobotânicos (Tab. 2) por meio da oralidade, sendo que sete entrevistados, além de explicar oralmente, já fizeram o preparo da planta medicinal para outras pessoas. A transmissão do conhecimento acerca das plantas medicinais por 80% dos entrevistados, demonstra o quanto as pessoas têm orgulho de saber tais informações. Tal fato é um alento para a manutenção do conhecimento tradicional, pois pessoas entusiasmadas com seus conhecimentos desejam o perpetuamento dos mesmos.

A maioria das plantas citadas pelos entrevistados eram cultivadas em seus quintais domésticos (Tab. 2), o que demonstra o engajamento da população de Sobradinho com o cultivo e a utilização de medicinais. Analisando as áreas separadamente, tanto na área rural ($H = 33,43$; $p < 0,01$) quanto na urbana ($H = 13,8$; $p < 0,01$), o cultivo em casa foi preponderante em relação aos outros métodos de se obter as plantas. Provavelmente isso ocorre, pois a parte urbana de Sobradinho é praticamente de casas com espaços em quintais, como a área rural composta de muitas chácaras. Tal fato favorece a prática da jardinagem e cultivo de plantas medicinais. Entretanto, as mesmas pessoas que cultivavam também coletavam plantas na natureza ou as compravam em feiras. Como nesse estudo não foi detectada a origem das plantas comercializadas nas feiras de Sobradinho, pode-se inferir que muitas também sejam coletadas na natureza. Portanto, conclui-se que algumas espécies de plantas medicinais ainda são extraídas da natureza pelos moradores de Sobradinho. Tal extrativismo, feito de forma não sustentável, pode ocasionar a diminuição de populações de plantas e até extinção de espécies nativas nas regiões de coleta (BORGES-FILHO; FELFILI, 2004), como já observada para muitas espécies medicinais nativas do Cerrado, como o barbatimão (*Stryhnodendron adstrigens*) (BORGES-FILHO; FELFILI, 2004) e a sucupira-branca (*Pterodon* sp.) (BAVARESCO et al. 2016).

Muitos entrevistados, tanto da área urbana quanto da rural (Fig. 1), reconheciam as espécies de plantas medicinais por meio das suas propriedades organolépticas, como cheiro,

textura, cor, etc. Entretanto, a aparência da folha e o odor foram destacadamente as formas mais utilizadas no reconhecimento das espécies.

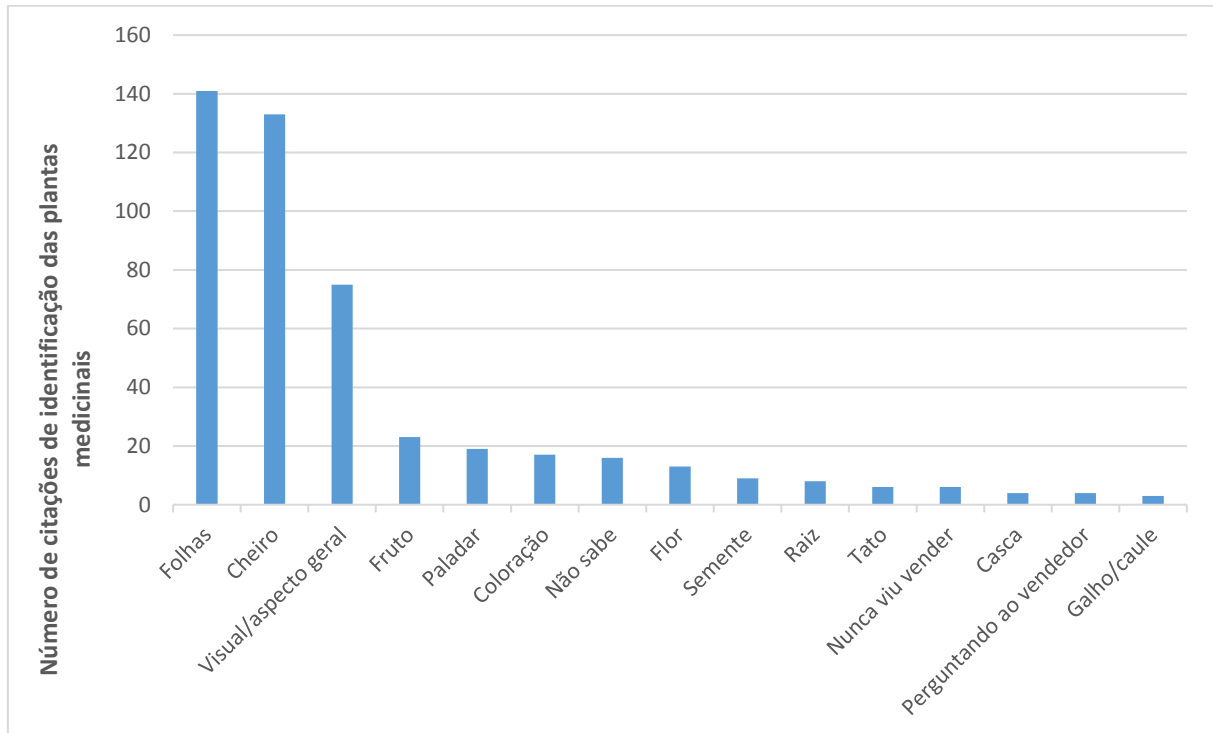


Fig. 1. Características das plantas medicinais usadas para seu reconhecimento pelos moradores da área urbana e rural de Sobradinho-DF.

Todos os entrevistados tinham acesso aos serviços públicos de saúde (Tab. 2). Em vista disso, nota-se que o conhecimento milenar sobre as plantas medicinais ainda se preserva por uma questão de tradição e orgulho das pessoas detentoras desse saber e/ou por falta de acesso a medicamentos receitados pelos médicos do SUS após o atendimento ambulatorial.

Foram citadas 84 plantas medicinais a partir de seu nome popular pelos entrevistados. Entretanto, como na maioria dos casos, houve mais de uma espécie para cada planta citada (nome popular), a listagem de nomes científicos (espécies de plantas) passou de 84 para 128 espécies (Tab. 3). Portanto, o grande número de plantas relatadas conforme os resultados confirmaram nossa hipótese de que a população de Sobradinho apresenta vasto conhecimento etnobotânico, pois é uma cidade que abrange, dentre sua população, pessoas de diversas regiões do Brasil, o que contribui ainda mais para o aumento do conhecimento popular sobre plantas medicinais (ANUÁRIO DO DF, 2014b). Soma-se a isso, o fato de que Sobradinho é uma das cidades mais antigas do DF e apresenta algumas áreas verdes de Cerrado, onde são observadas plantas medicinais (IBRAM, 2012).

Das 128 espécies de plantas medicinais, 79 são nativas do Brasil e apenas 49 são exóticas (Tab. 3). Isso significa que, nesse estudo, 61,72% das espécies medicinais são originárias do Brasil enquanto que 38,28% são originárias de outras regiões do globo e foram introduzidas aqui ($F = 5,87$; $p < 0,05$). Isso demonstra a riqueza da flora brasileira no que tange as plantas medicinais, reforçando a importância da valorização da vegetação nativa, uma vez que diversas espécies apresentam potencial farmacêutico. Por isso, o presente trabalho passa a ter um forte apelo conservacionista, já que as entrevistas foram feitas em área de Cerrado, um dos biomas mais ameaçado da Terra (MEYERS et al., 2000), principalmente no DF onde diversas invasões de terra devido a grilagem ameaçam diariamente a flora nativa do Cerrado (SEMA, 2017).

Tabela 3. Espécies medicinais citadas no levantamento etnobotânico em Sobradinho – DF

Família/ Espécie	Nome vulgar	Exótica ou Nativa	Literatura usada na identificação
ACANTHACEAE			
<i>Justicia calycina</i> (Nees) V.A.W Graham	Sara quem quer ou sara-tudo	Nativa	FORZZA; LEITMAN, 2010; VÁSQUEZ et al. 2014
ADOXACEAE			
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueiro	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
ALISMATACEAE			
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltdl.) Micheli	Chapéu de couro	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
ALLIACEAE			
<i>Allium cepa</i> L.	Cebolinha branca	Exótica	LEITE; ANTHONISEN, 2009; SANTOS et al. 2011; MANFRON et al. 1992
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
AMARANTHACEAE			
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramicina	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Alternanthera philoxeroides</i> (Mart.) Griseb.	Dipirona	Exótica	BORBA; MACEDO, 2006; MESSIAS et al. 2015
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva de santa maria ou mastruz	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
ANACARDIACEAE			
<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Exótica	CARVALHO et al. 2004; CARDOSO et al. 2007
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Schinus lentiscifolius</i> (L.) March.	Aroeira	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Schinus molle</i> L.	Aroeira ou bálsamo	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira ou bálsamo	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008

ANNONACEAE			
<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Articum do Cerrado ou Araticum	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Annona coriaceae</i> Mart.	Articum do Cerrado ou Araticum	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
APIACEAE			
<i>Anethum graveolens</i> L.	Endro	Exótica	BATTISTI et al. 2013; GIRALDI; HANAZAKI, 2010; RIBEIRO et al. 2014
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva doce ou Funcho	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva doce	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
ARISTOLOCHIAEAE			
<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc.	Guaco	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
ASPHODELACEAE			
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Babosa	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
ASTERACEAE			
<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Picão	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Achillea millefolium</i> L.	Dipirona	Exótica	BIESKI et al. 2012
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Camomila	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Mentraso	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Arctium minus</i> (Hill) Bernh.	Carrapicho	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna ou Losma	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Baccharis articulata</i> (Lam.) Pers.	Carqueja	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Baccharis uncinella</i> DC.	Carqueja	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Calendula officinalis</i> L.	Calêndula	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Camomila	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Cynara scolymus</i> L.	Alcachofra	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Eclipta prostrata</i> (L.) L.	Quebra pedra	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Macela ou macelinha	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Mikania cordifolia</i> (L.F.) Willd.	Guaco	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Guaco	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Mikania hirsutissima</i> DC.	Guaco	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Solidagi chilensis</i> Meyen	Arnica	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Taraxacum officinale</i> F.H. Wigg.	Dente de leão	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Boldo	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Assa-peixe	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
BIGNONIACEAE			
<i>Jacaranda decurrens</i> Cham. subsp. <i>symmetrifoliolata</i> Farias & Proença	Carobinha do Cerrado	Nativa	GOUVEA et al. 2014; SANGALLI et al. 2011; NASCIMENTO et al. 2012

BORAGINACEAE			
<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
BRASSICACEAE			
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	Mastruço ou erva de santa maria	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
BROMELIACEAE			
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
CELASTRACEAE			
<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch.	Folha santa ou espinheira santa	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
COSTACEAE			
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana ou caninha do brejo	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
CUCURBITACEAE			
<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Buchinha paulista	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
CHENOPODIACEAE			
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	Exótica	CORDEIRO et.al. 1999; TRANI et al. 2005
CHRYSOBALANACEAE			
<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch.	Oiti	Nativa	MONTEIRO et al. 2012; ALMEIDA; NETO, 2010
DENNSTAEDTIACEAE			
<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn	Samambaia do campo	Nativa	FURLAN et al. 2014; GARSZARECK, 2010
<i>Pteridium arachnoideum</i> (Kaulf.)	Samambaia do campo	Nativa	FURLAN et al. 2014; GARSZARECK, 2010
<i>Pteridium caudatum</i> L.	Samambaia do campo	Nativa	FURLAN et al. 2014; GARSZARECK, 2010
EUPHORBIACEAE			
<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart. ex M. Arg	Pé de perdiz	Nativa	OLIVEIRA T.G. et al. 2011; VILA VERDE et al. 2003
<i>Croton urucurana</i> Baill.	Sangra d'água	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
EQUISETACEAE			
<i>Equisetum giganteum</i> L.	Cavalinha	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
FABACEAE			
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenam.	Angico	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Bauhinia candicans</i> Benth.	Pata de vaca	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Pata de vaca	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata de vaca	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Bauhinia unguolata</i> L.	Pata de vaca	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008 VILA VERDE et al. 2003
<i>Centrosema bracteosum</i> Benth.	Rabo de tatú	Nativa	
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Desmodium adscendens</i> (SW.) DC.	Carrapicho-beiço-de-boi	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008

<i>Myroxylon peruiferum</i> L.F.	Balsamo	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Sucupira	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Pterodon polygalaeflorus</i> Benth.	Sucupira	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008

LAURACEAE

<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	Canela	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacateiro	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008

LAMIACEAE

<i>Marrubium vulgare</i> L.	Hortelã	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze	Hortelã	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva cidreira ou melissa	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo ou poejinho	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Mentha x piperita</i> var. <i>citrata</i> (Ehrh.) Briq.	Hortelã	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Mentha x villosa</i> Huds. (*hibrida)	Hortelã	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavaca	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Alfavaca	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Ocimum tenuiflorum</i> L.	Manjeriço	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Peltodon radicans</i> Pohl	Hortelã	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo sete-dor	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Salvia officinalis</i> L.	Sálvia	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008

LILIACEAE

<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	Rabo de tatu	Exótica	MORAIS et al.2005
-------------------------------------	--------------	---------	-------------------

LONGANIACEAE

<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Quina	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
--	-------	--------	----------------------

LYTHRACEAE

<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
---------------------------	------	---------	----------------------

MALVACEAE

<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Hibisco	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008

MELIACEAE

<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
--------------------------------	----------	--------	----------------------

MONIMIACEAE

<i>Peumus boldus</i> Molina	Boldo	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
-----------------------------	-------	---------	----------------------

MYRTACEAE

<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	Cagaita	Nativa	SOUZA et al. 2013; SILVA et al. 2010
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008

MORACEAE

<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Mama-cadela	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
-------------------------------------	-------------	--------	----------------------

<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	Exótica	OLIVEIRA et al. 2011; ASQUIERI et al. 2008
MYRISTICACEAE			
<i>Virola surinamensis</i> (Rol. Ex Rottb.) Warb.	Noz-moscada	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
POACEAE			
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
POLYGONACEAE			
<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	Erva de bicho	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
PASSIFLORACEAE			
<i>Passiflora alata</i> Curtis	Maracujá	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Passiflora caerulea</i> L.	Maracujá	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Passiflora incarnata</i> L.	Maracujá	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
PHYLLANTHACEAE			
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
PLANTAGINACEAE			
<i>Plantago major</i> L.	Trançagem ou tanchagem	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
ROSACEAE			
<i>Rubus sellowii</i> Cham. & Schtdl.	Amoreira	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
RUBIACEAE			
<i>Cinchona calisaya</i> Wedd.	Quina	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.	Quina	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	Exótica	SILVA et al. 2012; COSTA et al. 2013
RUTACEAE			
<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranjeira	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm.F.	Limoeiro	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
SIMAROUBACEAE			
<i>Simarouba versicolor</i> A. St.-Hil.	Pé de perdiz	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Quassia amara</i> L.	Quina	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
SOLANACEAE			
<i>Solanum americanum</i> Mill.	Erva de bicho	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	Lobeira	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
VERBENACEAE			
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	Erva-cidreira ou falsa-melissa	Nativa	LORENZI; MATOS, 2008
VOCHYSIACEAE			
<i>Qualea cordata</i> Spreng.	Pau terra	Nativa	RISSI; CAVASSAN, 2013; GRANDI et al. 1989.

<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Pau terra	Nativa	RISSI; CAVASSAN, 2013; GRANDI et. al. 1989.
<i>Qualea multiflora</i> Mart.	Pau terra	Nativa	RISSI; CAVASSAN, 2013; GRANDI et. al. 1989.
<i>Qualea parviflora</i> Mart.	Pau terra	Nativa	RISSI; CAVASSAN, 2013; GRANDI et. al. 1989.
ZINGIBERACEAE			
<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Exótica	LORENZI; MATOS, 2008

As plantas medicinais citadas estão categorizadas em 48 famílias. As famílias mais citadas foram Asteraceae com 22 espécies, Lamiaceae com 15 e Fabaceae com 13 espécies. Tais famílias já foram citadas em outros trabalhos como umas das mais comuns entre as plantas medicinais (NETO, MORAIS, 2003; OLIVEIRA, LUCENA, 2015). Segundo Souza et al. (2016), provavelmente Asteraceae, Lamiaceae e Fabaceae são umas das famílias mais comumente citadas nos levantamentos etnobotânicos, pois são grupos taxonômicos muito diversos, com alta capacidade de colonização, o que favorece a obtenção do vegetal pela população. Além disso, por serem famílias com elevada riqueza de espécies, aumenta-se a probabilidade de ocorrência de compostos químicos com atuação terapêutica.

Das espécies observadas em Asteraceae, 14 são nativas do Brasil (*Acanthospermum australe* (Loefl.) Kuntze; *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.; *Ageratum conyzoides* L.; *Baccharis articulata* (Lam.) Pers.; *Baccharis trimera* (Less.) DC.; *Baccharis uncinella* DC.; *Bildens pilosa* L.; *Eclipta prostrata* (L.)L.; *Egletes viscosa* (L.) Less.; *Mikania cordifolia* (L.F.) Willd.; *Mikania glomerata* Spreng.; *Mikania hirsutissima* DC.; *Solidagi chilensis* Meyen; *Vernonia polyanthes* Less.) e oito exóticas (*Achillea millefolium* L.; *Arctium minus* (Hill) Bernh.; *Artemisia absinthium* L.; *Calendula officinalis* L.; *Chamomilla recutita* (L.) Rauschert; *Cynara scolymus* L.; *Taraxacum officinale* F.H. Wigg.; *Vernonia condensata* Baker).

Em Lamiaceae, apenas três espécies são nativas (*Marsypianthes chamaedrys* (Vahl) Kuntze; *Ocimum selloi* Benth.; *Peltodon radicans* Pohl) e as outras 12 são exóticas (*Marrubium vulgare* L.; *Melissa officinalis* L.; *Mentha arvensis* L.; *Mentha pulegium* L.; *Mentha x piperita* var. *citrata* (Ehrh.) Briq.; *Mentha x villosa* Huds. (*hibrida); *Ocimum gratissimum* L.; *Ocimum tenuiflorum* L.; *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.; *Plectranthus barbatus* Andrews; *Rosmarinus officinalis* L.; *Salvia officinalis* L.).

Já na família Fabaceae, todas as espécies são nativas (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenam.; *Bauhinia candicans* Benth.; *Bauhinia cheilantha* (Bong.) Steud.; *Bauhinia forficata* Link; *Bauhinia unguilata* L.; *Centrosema bracteosum* Benth.; *Copaifera langsdorffii* Desf.; *Desmodium adscendens* (SW.) DC.; *Hymenaea courbaril* L.; *Myroxylon peruiferum* L.F.;

Pterodon emarginatus Vogel; *Pterodon polygalaeiflorus* Benth.; *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville). Tal fato demonstra o quanto a flora brasileira e seu potencial medicinal são conhecidos pelos entrevistados e o quanto o período de colonização brasileira foi importante para o enriquecimento da etnobotânica brasileira, uma vez que a família Lamiaceae foi representada quase inteiramente por espécies oriundas da Europa.

Os gêneros mais comuns entre as espécies de plantas medicinais citadas foram: *Bauhinia* (Fabaceae), *Mentha* (Lamiaceae), *Passiflora* (Passifloraceae) e *Qualea* (Vochysiaceae) com quatro espécies cada, seguidos dos gêneros *Baccharis* e *Mikania* (Asteraceae), *Pteridium* (Dennstaedtiaceae) e *Ocimum* (Lamiaceae) com três espécies cada. A partir da análise dos gêneros mais comumente citados nesse estudo, percebeu-se que novamente houve o domínio das mesmas famílias botânicas Asteraceae, Fabaceae e Lamiaceae.

Dentro desses gêneros mais representativos, estão presentes 28 espécies medicinais citadas pelos entrevistados. A maior parte das espécies (71,43%) é nativa do Brasil, sendo representadas pelas espécies de: carqueja (*Baccharis* sp.), guaco (*Mikania* sp.), samambaia do campo (*Pteridium* sp.), pé de perdiz, sangra d'água, canelinha (*Croton* sp.), pata de vaca (*Bauhinia* sp.), maracujá (*Passiflora* sp.) e pau terra (*Qualea* sp.). Novamente, o estudo comprova a importância da conservação do Cerrado brasileiro tanto por causa da elevada importância de sua flora para a confecção de remédios quanto devido a seu uso medicinal pela população que muitas vezes não têm como arcar com medicamentos alopáticos.

Dos 84 nomes populares de plantas medicinais mencionados por todos os entrevistados (Tab. 4), 30 foram exclusivos da área rural e 21 da área urbana. O restante, 33 plantas, foram citados em ambas as áreas. Portanto, cinquenta e quatro plantas medicinais, o equivalente a 64,29% das plantas citadas, foram referidas na área urbana e 63 (75% das plantas citadas) na área rural. A partir desses resultados, nós confirmamos a hipótese de que o conhecimento dos entrevistados da área rural é maior do que o conhecimento dos entrevistados da área urbana. Tradicionalmente a população rural depende mais diretamente da natureza para sobreviver do que a população urbana (MARQUES, 2002). Por isso, devem ser mais conhecedores de plantas medicinais do que os moradores das cidades que têm mais acesso às farmácias convencionais. Tal fato pôde ser observado devido a população rural possuir poucos recursos financeiros para cuidar da saúde, pois em sua maioria são pessoas do lar, assalariados e autônomos.

Nas duas áreas, as espécies comuns mais citadas pelos entrevistados foram, respectivamente: hortelã, capim santo, boldo, erva cidreira e babosa (Tab. 4), demonstrando que, apesar de serem conhecedores da flora medicinal nativa, a população de Sobradinho faz uso mais recorrente de espécies medicinais exóticas. Por exemplo, sete espécies, todas da

família Lamiaceae, são denominadas popularmente hortelã. Dessas sete espécies, apenas duas são nativas. O capim santo, *Cymbopogon citratus* (Poaceae) também é uma espécie exótica; assim como: boldo, *Vernonia condensata* (Asteraceae) e *Peumus boldus* (Monimiaceae), babosa, *Aloe vera* (Asphodelaceae) e a erva cidreira *Melissa officinalis* (Lamiaceae) (LORENZI; MATOS, 2008).

Na área urbana, capim santo, erva cidreira, boldo, babosa e hortelã foram as plantas medicinais mais citadas, respectivamente, diferenciando-se estatisticamente das demais. Já quebra-pedra se diferenciou estatisticamente das medicinais citadas apenas uma vez ($H = 83,09$; $p < 0,05$). Na área rural, as plantas que mais se destacaram foram hortelã, boldo, babosa, capim santo, erva cidreira, mastruz ou erva de santa maria, alecrim, gengibre e poejo ($H = 98,94$; $p < 0,05$). Assim como ocorreu na área urbana, tais plantas também se diferenciaram estatisticamente das demais (Tab. 4). Resumindo, percebe-se que nas duas áreas, as plantas medicinais mais usadas praticamente são as mesmas.

Tabela 4. Ordem decrescente de uso das plantas medicinais em Sobradinho – DF.

Classificação de citação	Planta Medicinal	Total de citação na área urbana (U)	Total de citação na área rural (R)	Total de citação nas duas áreas	Exclusividade de área
1°	Hortelã	9	17	26	R+U
2°	Capim santo	13	9	22	R+U
3°	Boldo	10	10	20	R+U
4°	Erva cidreira ou melissa	11	8	19	R+U
5°	Babosa	9	9	18	R+U
6°	Alecrim	5	7	12	R+U
7°	Mastruz ou erva de santa maria	5	8	13	R+U
8°	Gengibre	5	6	11	R+U
9°	Poejo ou poejinho	3	6	9	R+U
10°	Guaco	4	4	8	R+U
10°	Quebra pedra	6	2	8	R+U
11°	Algodão	2	5	7	R+U
11°	Barbatimão	4	3	7	R+U
12°	Erva doce ou funcho	5	3	8	R+U
13°	Alfavaca	4	1	5	R+U
13°	Carqueja	2	3	5	R+U
13°	Romã	3	2	5	R+U
13°	Sabugueiro	0	5	5	R
13°	Sucupira	3	2	5	R+U
14°	Arruda	1	3	4	R+U
14°	Assa-peixe	1	3	4	R+U

14°	Boldo sete-dor ou sete-dor	1	3	4	R+U
14°	Cana ou caninha do brejo	1	3	4	R+U
14°	Canela	2	2	4	R+U
14°	Goiabeira	2	2	4	R+U
15°	Alho	2	1	3	R+U
15°	Arnica	0	3	3	R
15°	Cavalinha	0	3	3	R
15°	Manjeriçao	1	2	3	R+U
15°	Picão	2	1	3	R+U
16°	Abacateiro	1	1	2	R+U
16°	Amoreira	0	2	2	R
16°	Aroeira	1	1	2	R+U
16°	Camomila	2	0	2	U
16°	Copaiba	0	2	2	R
16°	Hibisco	2	0	2	U
16°	Jatobá	1	1	2	R+U
16°	Laranjeira	1	1	2	R+U
16°	Mama-cadela	2	0	2	U
16°	Macela ou Macelinha	0	2	2	R
16°	Noni	0	2	2	R
16°	Noz-moscada	1	1	2	R+U
16°	Pata de vaca	2	0	2	U
16°	Pau terra	2	0	2	U
16°	Rabo de tatu	1	1	2	R+U
16°	Trançagem ou tanchagem	0	2	2	R
17°	Abacaxi	1	0	1	U
17°	Açafrão	0	1	1	R
17°	Alcachofra	0	1	1	R
17°	Andiroba	0	1	1	R
17°	Angico	1	0	1	U
17°	Articum ou araticum do cerrado	0	1	1	R
17°	Bálsamo	0	1	1	R
17°	Beterraba	0	1	1	R
17°	Buchinha paulista	0	1	1	R
17°	Calêndula	1	0	1	U
17°	Cagaita	1	0	1	U
17°	Carobinha do cerrado	1	0	1	U
17°	Carrapicho	1	0	1	U
17°	Cebolinha branca	0	1	1	R
17°	Chapéu de couro	0	1	1	R
17°	Confrei	0	1	1	R
17°	Dente de leão	1	0	1	U
17°	Dipirona	0	1	1	R

17°	Endro	0	1	1	R
17°	Erva de bicho	0	1	1	R
17°	Folha santa ou espinheira santa	1	0	1	U
17°	Jenipapo	0	1	1	R
17°	Graviola	0	1	1	R
17°	Jaca	1	0	1	U
17°	Limoeiro	0	1	1	R
17°	Lobeira	1	0	1	U
17°	Losna ou losma	0	1	1	R
17°	Mangueira	0	1	1	R
17°	Maracujá	1	0	1	U
17°	Mentrasto	0	1	1	R
17°	Oiti	1	0	1	U
17°	Pé de perdiz	1	0	1	U
17°	Quina	1	0	1	U
17°	Sálvia	0	1	1	R
17°	Samambaia do campo	0	1	1	R
17°	Sangra d'água	0	1	1	R
17°	Sara quem quer	1	0	1	U
17°	Terramicina	1	0	1	U

Os resultados das entrevistas mostraram que a mesma planta é ministrada para combater diferentes tipos de sintomas em muitos casos (Tab. 5). Por exemplo, os entrevistados que citaram o capim santo, tanto na área urbana quanto rural, os usam para tratamentos distintos, como: calmante, relaxante, diurético, digestivo, combate à gripe e combate à hipertensão. Já o boldo é também usado para o tratamento de diferentes disfunções, como: problema do fígado, má digestão, azia, enxaqueca e intoxicação alimentar.

Além da existência de uma mesma planta para combater diferentes sintomas, os dados do estudo demonstraram que os sintomas mais combatidos pelas plantas medicinais foram praticamente os mesmos nas duas áreas. Na área urbana, os sintomas mais tratados pelas medicinais foram respectivamente: calmante, gripe e má-digestão. Na área rural, os sintomas mais combatidos com o uso das medicinais foram respectivamente: gripe e calmante. Entretanto, na área rural há uma variedade maior de uso do que na área urbana, uma vez que foram amplamente citados mais quatro medicinais diferentes: mastruz, alecrim, gengibre e poejo.

Tabela 5. Indicações de uso das plantas medicinais em Sobradinho – DF.

Indicações de uso das plantas medicinais		Planta
Sistema Circulatório	Coração, colesterol, controle cardíaco, circulação, doença de chagas, pressão alta (controle), afinar o sangue, depurativo do sangue, hemorragia, anemia.	Alecrim, alfavaca, algodoeiro, canela, capim santo, erva cidreira, hibisco, hortelã, jatobá, noz-moscada, pata de vaca, quina, sálvia, sangra d'água, sucupira.
Sistema Digestório	Tratamento intestinal, limpar intestino, digestivo, problemas intestinais, hemorroidas, prisão de ventre (intestino preso), combate gordura do fígado, fígado, laxante natural, inflamação no fígado, flatos, gases de bebê, afta, hepatite, diarreia, digestão (má digestão), dor de estômago, dor de barriga, estômago, limpar estômago, indigestão, gastrite, transtornos gástricos, limpeza do organismo, dor abdominal, distúrbios gástricos intestinais, azia, desintoxicação alimentar, mal estar estomacal (alívio), problemas estomacais, gases, desintoxicação, enjoo, cólicas abdominais, refluxo, cólicas, cólicas de criança, cólicas de barriga, abrir apetite, reposição de proteína, tirar refluxo.	Alcachofra, alfavaca, algodoeiro, amoreira, aroeira, arruda, assa-peixe, babosa, balsamo, barbatimão, boldo, boldo sete-dor, cagaita, camomila, canela, cana ou caninha do brejo, capim santo, carqueja, cebolinha branca, chapéu de couro, dente de leão, endro, erva cidreira, erva doce, funcho, gengibre, goiabeira, graviola, guaco, hibisco, hortelã, lobeira, losna ou losma, macela ou macelinha, mangueira, manjerição, mastruz ou mastruço, pata de vaca, pau-terra, picão, poejo ou poejinho, quina, rabo de tatu, sabugueiro, sálvia, terramicina.
Sistema Emocional	Calmante, depressão, relaxante, tranquilizante, insônia, antidepressivo.	Alecrim, alfavaca, camomila, canela, capim santo, endro, erva cidreira, erva doce, hortelã, manjerição, maracujá, melissa, poejo ou poejinho, sabugueiro, sálvia.
Sistema Endócrino	Diabetes, controle de insulina.	Carqueja, pata de vaca, sálvia.
Sistema Imunológico	Verme (vermífugo), virose, infecção em geral, aumentar imunidade, antibiótico, febre, antitérmico, preventivo de câncer, tratamento de câncer, leucemia, preventivo (renovador das células do organismo), cansaço, energético (indisposição), mal-estar.	Alfavaca, babosa, capim santo, erva de santa maria, gengibre, graviola, hortelã, mastruz ou mastruço, noni, oiti, sangra d'água.
Sistema Musculo-esquelético	Dor na coluna, dor nas juntas, fraturas, dores em geral, reposição de cálcio.	Alfavaca, amoreira, arnica, arruda, assa-peixe, boldo sete-dor, cavalinha, chapéu de couro, mastruz ou mastruço, noz-moscada.
Sistema Nervoso	Dor de cabeça, enxaqueca.	Alecrim, boldo, capim santo, carqueja, dipirona, erva cidreira, hortelã, pata de vaca.
Sistema Reprodutor Feminino	Nódulos no seio, infecção uterina, corrimento vaginal, controle do fluxo menstrual, emenagogo, banho para mulher, hemorragia menstrual, ajuda na dilatação no parto, cólicas menstruais, limpeza do útero, inflamação do útero.	Algadoeiro, amoreira, aroeira branca, arruda, barbatimão, boldo, carobinha do Cerrado, erva cidreira, folha santa, goiabeira, jaca, mentrasto, noz-moscada, romã, samambaia do campo.
Sistema Reprodutor Masculino	Tratamento de próstata, problemas de próstata, câncer de próstata (prevenção), impotência sexual.	Babosa, cavalinha, samambaia do campo, sucupira.

Sistema Respiratório	Gripe, garganta inflamada, resfriado, tosse, pneumonia, bronquite, coriza, tuberculose, asma, rouquidão, sinusite, limpeza da voz, falta de ar, alergia, expectorante (soltar secreção dos pulmões), descongestionante, dor de garganta.	Abacaxi, açafraão, alecrim, alfavaca, alho, andiroba, assa-peixe, beterraba, buchinha paulista, canela, capim santo, cebolinha branca, copaíba, erva cidreira, gengibre, graviola, guaco, hortelã, jatobá, laranjeira, limão, picão, poejo ou poejinho, romã, sabugueiro, sálvia, sucupira, tanchagem ou trançagem.
Sistema Tegumentar	Doenças de pele, queimadura, acne, feridas (machucados), infecção de pele, limpeza de pele, vermelhidão na pele, hidratação da pele, hematoma, catapora, brotuejo, adstringente, machucados, lesões, vitiligo, cicatrizante, picada de inseto, repelente, trauma, infecção de ferida, contusão, hidratação, nutrição capilar (antiqueda e crescimento), icterícia, sarampo.	Alecrim, alfavaca, algodoeiro, anjico, arnica, aroeira, arruda, assa-peixe, babosa, barbatimão, calêndula, confrei, copaíba, erva doce, goiabeira, mama-cadela, mastruz ou mastrução, pata de vaca, pé de perdiz, picão, sabugueiro, sálvia.
Sistema Urinário	Infecção urinária, rins, pedra nos rins (cálculo renal), dor renal, problemas renais, limpeza dos rins, diurético.	Abacate, alfavaca, algodoeiro, araticum ou articum do Cerrado, cana ou caninha do brejo, capim santo, carrapicho, chapéu de couro, cavalinha, erva de bicho, jenipapo, manjerição, pata de vaca, quebra pedra, samambaia do campo, sara tudo ou sara quem quer, tanchagem ou trançagem.
Outros	Limpeza dos dentes, anestesia para os dentes, estoporo (pegar friagem com corpo quente), emagrecedor, ressaca, inchaço.	Amora, boldo, calêndula, erva doce, gengibre, hibisco.

As folhas foram o órgão mais comumente coletado nas plantas medicinais (Fig. 2) tanto na área urbana ($H = 51,8$; $p < 0,05$) quanto rural ($H = 57,83$; $p < 0,05$). Tal resultado é um alento no que tange a conservação das espécies nativas, pois o extrativismo foliar é considerado menos danoso para as populações de plantas medicinais. Geralmente, o destacamento das folhas não causa tantos problemas sanitários na planta, como infecção por fungos ou patógenos, como a coleta da casca. Além disso, como as folhas são órgãos vegetativos, sua coleta não atrapalha o recrutamento de novos indivíduos. Por fim, a coleta da folha não determina em morte do indivíduo, como ocorre com a coleta de raízes, sementes e, algumas vezes, casca e talo.

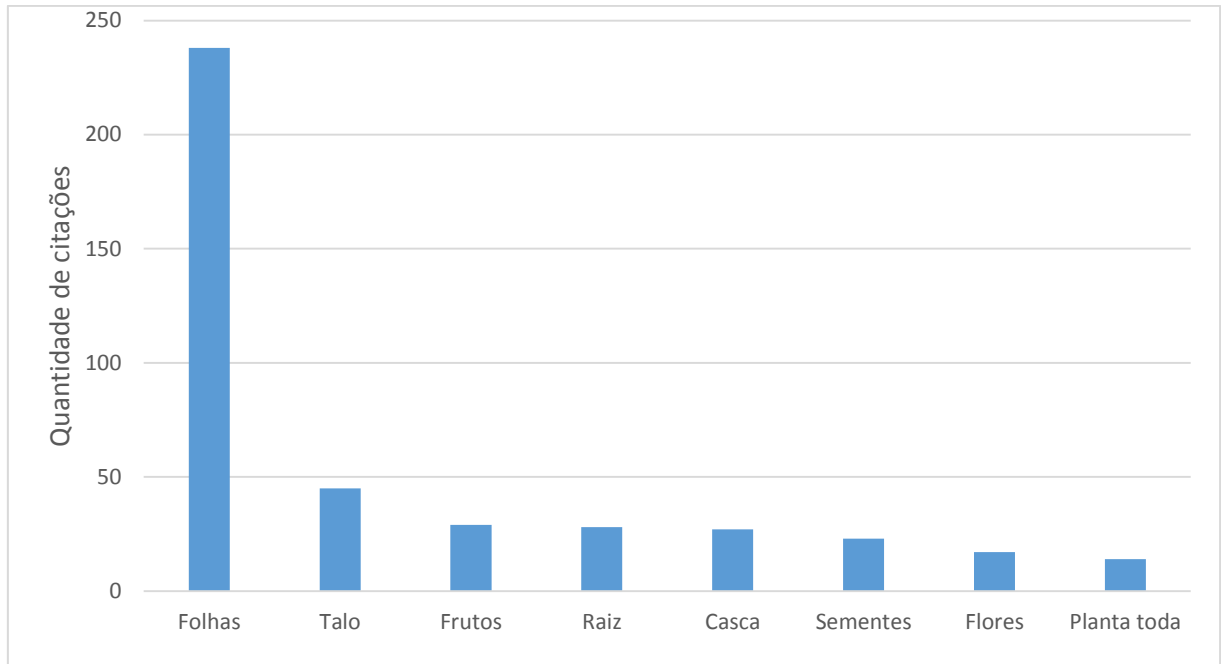


Fig. 2. Parte das plantas medicinais usadas na administração terapêutica pelos moradores da área urbana e rural de Sobradinho-DF.

A forma de administração das medicinais foi feita na maioria das vezes por decocção. Para tanto, as folhas ou o material vegetal é fervido junto com a água (LORENZI; MATOS, 2008). Entretanto, outras formas de administração foram observadas nas duas áreas estudadas (Fig. 3), podendo ser observada uma variedade maior de modos de uso na área rural (Fig. 4), como, por exemplo, curtido no vinho ou no álcool e torrado, que na área urbana não foram citados.

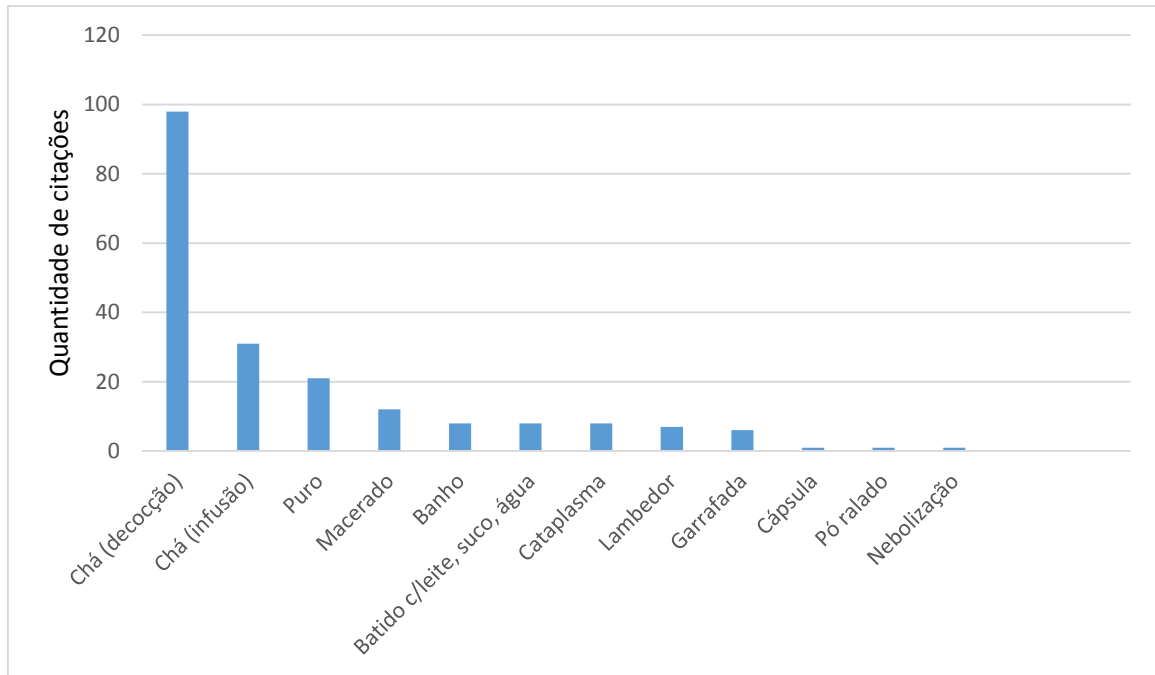


Fig. 3. Forma de administração das plantas medicinais usadas pelos moradores da área urbana de Sobradinho-DF.

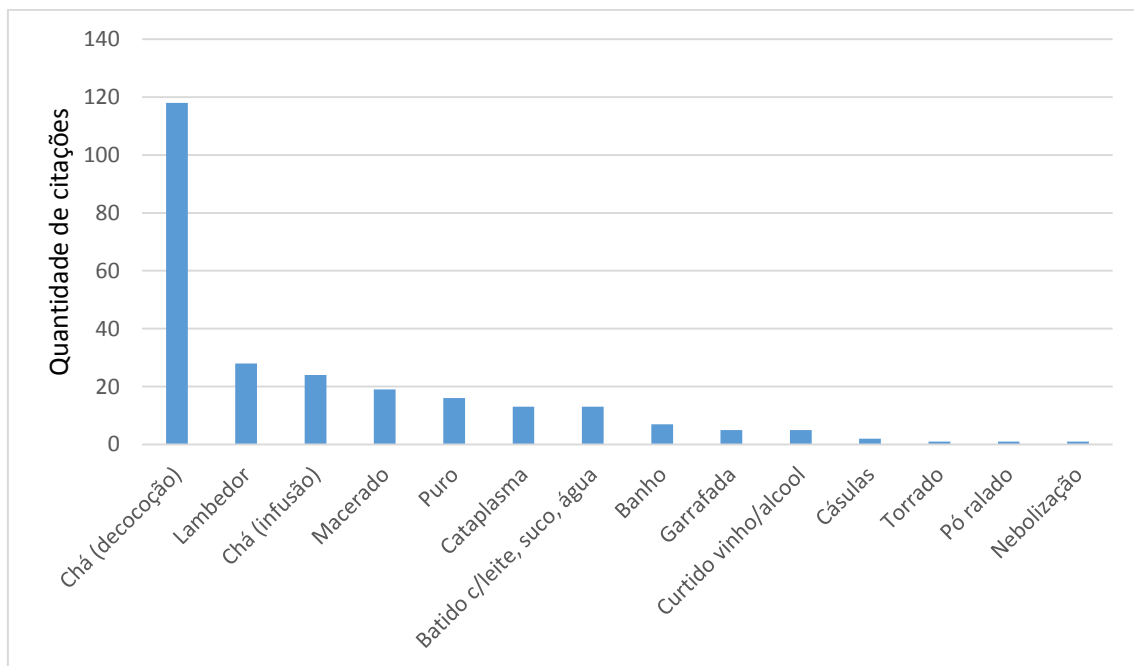


Fig. 4. Forma de administração das plantas medicinais usadas pelos moradores da área rural de Sobradinho-DF.

5. CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos com este trabalho foi possível mostrar, que apesar da população de Sobradinho, das áreas urbana e rural, terem acesso aos serviços prestados pelas unidades de saúde, não foi perdida a tradição etnobotânica milenar do uso de plantas medicinais, demonstrando sua importância na vida das pessoas para o tratamento dos diversos problemas de saúde já citados. Notou-se que devido ao grande fluxo de imigrantes de outros estados, o conhecimento etnobotânico foi enriquecido, uma vez que houve indicações diferentes para o mesmo tipo de planta, e que tais conhecimentos foram adquiridos principalmente por meio familiar. Apesar do conhecimento ter se mostrado bem-sucedido até os dias de hoje, graças a sua propagação de geração em geração, teme-se a sua perda futura, devido ao progresso humano direcionado pelos fatores econômicos e culturais, comprovando mais uma vez a importância de estudos voltados para o uso de plantas na medicina alternativa. Por fim, o presente trabalho demonstrou a importância da flora nativa como um recurso terapêutico para a comunidade de Sobradinho-DF, uma vez que a maioria das espécies citadas pelos moradores foram espécies originadas do Brasil. Tal fato evidencia a necessidade em se fazer estudos de bioprospecção mais abrangentes na flora nacional, principalmente no Cerrado que é um dos biomas mais ameaçados do mundo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; ALENCAR, N.L. **Métodos e técnicas para a coleta de dados etnobotânicos**. Recife: COMUNIGRAF. 2008.
- ALEXIADES, M.N.; SHELDON, J.W. **Ethnobotanical Research: A Field Manual**. New York: THE NEW YORK BOTANICAL GARDEN. 1996.
- ALMEIDA, D.N.; NETO, R.M.R. Análise da arborização urbana de três cidades da região norte do Estado de Mato Grosso. **Acta Amazônica**, vol.40, n.4, p.647-656, 2010.
- AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. **Plantas Mediciniais: Arte e Ciência**. Editora UNESP. p.47-68, 1996.
- AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, vol.16, p.189-203, 2002.
- ANUÁRIO DO DF, 2014a. **Geografia**. Disponível em: <<http://www.anuariododf.com.br/radiografia-do-df/geografia/>>. Acessado em 03 de março de 2017.
- ANUÁRIO DO DF, 2014b. **Sobradinho**. Disponível em: <<http://www.anuariododf.com.br/regioes-administrativas/ra-v-sobradinho/>>. Acessado em 03 de março de 2017.
- ANVISA- **Ministério da Saúde - MS Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA**. RESOLUÇÃO DE DIRETORIA COLEGIADA – RDC Nº 26, DE 13 DE MAIO DE 2014 (Publicada em DOU nº 90, de 14 de maio de 2014). Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/3171284/%282%29RDC_26_2014_COMP.pdf/a3eae635-fec3-4936-b836-65e8fe7a8e12>. Acessado dia 09/05/2018.
- ASQUIERI, E.R.; RABÊLO, A.M.S.; SILVA, A.G.M. Fermentado de jaca: estudo das características físico-químicas e sensoriais. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, vol.28, n.4, p.881-887, 2008.
- BATTISTI, C.; GARLET, T.M.B.; ESSI, L.; HORBACH, R.K.; ANDRADE, A.; BADKE, M.R. Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, vol.11, n.3, p.338-348, 2013.
- BAVARESCO, O.S.A.; PEREIRA, I.C.P.; MELO, C.D.; LOBATO, F.; FALCAI, A.; BOMFIM, M.R.Q. Utilização popular da *Pterodon* spp no tratamento de doenças reumáticas. **Revista de Investigação Biomédica**, vol.8, p.81-91, 2016.
- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, Y. Medicinal plants in the Atlantic Forest (Brazil): Knowledge, use and conservation. **Human Ecology**, vol.30, p.281-299, 2002.
- BIESKI, I.G.C.; SANTOS, F.R.; OLIVEIRA, R.M.; ESPINOSA, M.M.; MACEDO, M.; ALBUQUERQUE, U.P.; MARTINS, D.T.O. Ethnopharmacology of Medicinal Plants of the Pantanal Region (Mato Grosso, Brazil). **Hindawi Publishing Corporation Evidence-Based**

Complementary and Altrnative Medicine, vol.2012, article ID 272749, p.1-36, doi:10.1155/2012/272749, 2012.

BORBA, A.M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, vol.20, n.4, p.771-782, 2006.

BORGES-FILHO, H.C.; FELFILI, J.M. Avaliação dos níveis de extrativismo da casca de barbatimão [*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville] no Distrito Federal, Brasil. **Revista Árvore**, vol.27, n.5, p.735-745, 2003.

BUDÓ, M.L.D.; RESTA, D.G.; DENARDIN, J.M.; RESSEL, L.B.; BORGES, Z.N. Práticas de cuidado em relação à dor – a cultura e as alternativas populares. **Escola Anna Nery Revista Enfermagem**, vol.12, n.1, p.90-96, 2008.

CARDOSO, M.G.S.; JOSÉ, A.R.S; VIANA, A.E.S.; MATSUMOTO, S.N.; REBOUÇAS, T.N.H. Florescimento e frutificação de mangueira (*Mangifera indica* L.) cv. rosa promovidos por diferentes doses de paclobutrazol. **Revista Brasileira de Fruticultura**, vol.29, n.2, p.209-212, 2007.

CARNEIRO, F.M.; SILVA, M.J.P.; BORGES, L.L.; ALBERNAZ, L.C.; COSTA, J.D.P. Tendências dos estudos com plantas medicinais no Brasil. **Revista Sapiência: Sociedade, saberes e práticas educacionais**, vol.3, n.2, p.44-75, 2014.

CARVALHO, C.R.L.; ROSSETTO, C.J.; MANTOVANI, D.M.B.; MORGANO, M.A.; CASTRO, J.V.; BORTOLETTO, N. Avaliação de cultivares de mangueira selecionadas pelo instituto agrônômico de campinas comparadas a outras de importância comercial. **Revista Brasileira de Fruticultura**, vol.26, n.2, p.264-271, 2004.

CORDEIRO, G.G.; RESENDE, G.M.; PEREIRA, J.R.; COSTA, N.D. Utilização de água salina e condicionador de solo na produção de beterraba no semiárido brasileiro. **Horticultura Brasileira**, vol.17, n.1. p.39-41, 1999.

COSTA, A.B.; OLIVEIRA, A.M.C.; SILVA, A.M.O.; FILHO, J.M.; LIMA, A. Atividade antioxidante da polpa, casca e sementes do noni (*Morinda citrifolia* Linn). **Revista Brasileira de Fruticultura**, vol.35, n.2, p.345-354, 2013.

DIEGUES, A.C.; VIANA, V.M. **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais na Mata Atlântica**, Editora Hucitec, 2004.

FORZZA, R.C.; LEITMAN, P. Lista de espécies: angiospermas. Instituto de pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. **Catálogo de Plantas e Fungos do Brasil**, vol.1, p.570-871, 2010.

FURLAN, F.H.; MENDES, E.R.S.; DUCATTI, K.R.; MARCON, G.C.; DOMBROSKY, T.; AMORIM, T.M.; CORREA, F.R. Intoxicação aguda por *Pteridium arachnoideum* e *Pteridium caudatum* em bovinos e distribuição das plantas em Mato Grosso. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, vol.34, n.4, p.343-348, 2014.

GARSZARECK, O.L. Intoxicação de bovinos por ingestão de samambaia (*Pteridium aquilinum*). **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, Ano VIII; n.15; Periódicos Semestral, 2010.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, vol.24, n.2, p.395-406, 2010.

GOTTLIEB, O.R.; BORIN, M.R.M.B. A diversidade de plantas. Cadê? Por que isso está aí? O que vai se tornar? **Anais da Academia Brasileira de Ciências** 66 (Supl. 1 - Parte I), p.205-210, 1994.

GOUVEA, A.B.; VIEIRA, M.C.; HEREDIA ZÁRATE, N.A.; PINTO, J.V.C. Influência da densidade de plantio e da cama de frango na produção da carobinha (*Jacaranda decurrens* Cham. ssp. *symmetrifoliolata* Farias; Proença). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, vol.16, n.3, p.481-489, 2014.

GRANDI, T.S.M.; TRINDADE, J.A.; PINTO, M.J.F.; FERREIRA, L.L.; CATELLA, A.C. Plantas medicinais de Minas Gerais, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, vol.3, n.2, p.185-224, 1989.

GUERRA, P.G.; NODARI, R.O. Biodiversidade: aspectos biológicos, geográficos, legais e éticos. In. SIMÕES, C.M.O.; SCHENKEL, E.P.; GOSMANN, G.; MELLO, J.C.P.; MENTZ, L.A.; PETROVICK, P.R. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**, 5ª Edição. Editora da UFSC. p.13-28, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2010. Sinopse do censo demográfico de 2010 Distrito Federal. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=0&uf=53>>. Acessado em 21 de junho de 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2016. Distrito Federal. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/panorama>>. Acessado em 21 de junho de 2018.

INSTITUTO BRASÍLIA AMBIENTAL (IBRAM). 2012. Parques. Disponível em: <<http://www.ibram.df.gov.br/informacoes/parques.html>>. Acessado em: 16 de fevereiro de 2017.

LEITE, D.L.; ANTHONISEN, D. Caracterização molecular de cultivares de cebola por marcadores RAPD. **Horticultura Brasileira**, vol.27, n.4, p.420-424, 2009.

LIMA, J.F.; SILVA, M.P.L.; TELES, S.; SILVA, F.; MARTINS, G.N. Avaliação de diferentes substratos na qualidade fisiológica de sementes de melão de caroá (*Sicana odorifera* (Vell.) Naudim). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, vol.12, n.2, p.163-167, 2010.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**, 2ª Edição, Nova Odessa: INSTITUTO PLANTARUM, 2008.

MANFRON, P.A.; GARCIA, D.C.; ANDRIOLO, J.L. Aspectos morfo-fisiológicos da cebola. **Ciência Rural**, vol.22, n.1, p.101-107,1992.

MARQUES, M.I.M. O Conceito de espaço rural em questão. **Revista Terra Livre**, n.19, p.95-112, 2002.

MESSIAS, M.C.T.B.; MENEGATTO, M.F.; PRADO, A.C.C.; SANTOS B.R.; GUIMARÃES, M.F.M. Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, vol.17, n.1, p.76-104, 2015.

MEYERS, N; MITTERMEIER, R.A; MITTERMEIER, C.G; FONSECA, G.A.B; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, vol.403, p.853-858, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). 2012. SUS tem fitoterápicos para doenças simples. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2012/11/sus-tem-fitoterapicos-para-doencas-simples>>. Acessado em: 03 de maio de 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). 2016. Medicina Alternativa. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2016/06/uso-de-plantas-mediciniais-e-fitoterapicos-sobe-161>>. Acessado em: 03 de maio de 2018.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). 2014. Cerrado. Disponível em: <www.mma.gov.br/biomas/cerrado>. Acessado em: 16 de fevereiro de 2017.

MONTEIRO, K.L.; OLIVEIRA, C.; SILVA, B.M.S.; MÔRO, F.V.; CARVALHO, D.A. Caracterização morfológica de frutos, de sementes e do desenvolvimento pós-seminal de *Licania tomentosa* (Benth.) Fritsch. **Ciência Rural**, vol.42, n.1, p.90-97, 2012.

MORAIS, S.M.; DANTAS, J.D.P.; SILVA, A.R.A.; MAGALHÃES, E.F. Plantas medicinais usadas pelos índios Tapebas do Ceará. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, vol.15, n.2, p.169-177, 2005.

NASCIMENTO, M.M.; FERREIRA, M.A.C.; MALOSSO, M.G. Produção de mudas de carobinha (*Jacaranda decurrens* Cham.) em sistema de imersão temporária com biorreatores do tipo R.I.T.A. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, vol.14, n.2, p.414-417, 2012.

NETO, G.G.; MORAIS, R.G. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**, vol.17, n.4, p.561-584; 2003.

OLIVEIRA, D.M.S.; LUCENA, E.M.P. O uso de plantas medicinais por moradores de Quixadá- Ceará. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, vol.17, n.3, p.407-412, 2015.

OLIVEIRA, L.F.; GODOY, R.L.O.; BORGES, S.V. Qualidade de jaca (*Artocarpus heterophyllus*, Lam.) desidratada sob diferentes condições de processo. **Brazilian Journal of Food Technology**, vol.14, n.3, p.241-248, 2011.

OLIVEIRA, T.G.; PINA, P.S.S.; BERTONI, B.W.; FRANÇA, S.C.; PEREIRA, A.M.S. Micropropagação de *Croton antisiphiliticus* Mart. **Ciência Rural**, vol.41, n.10, p.1712-1718, 2011.

PAGOTTO, T.C.S.; SOUZA, P.R. **Bioma cerrado e área estudada**. In: PAGOTTO, T.C.S.; SOUZA, P.R. **Biodiversidade do complexo Aporé-Sucuriú: subsídios à conservação e ao manejo do cerrado: área prioritária 316-Jauru**. UFMS, p.18-30, 2006.

PESQUISA DISTRITAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS DO DISTRITO FEDERAL – (PDADDF) 2015. Governo de Brasília. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Distrito-Federal-1.pdf>>. Acessado em: 21 de junho de 2018.

PESQUISA DISTRITAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS - SOBRADINHO - (PDAD) 2015. Governo de Brasília. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Distrito-Federal-1.pdf>>. Acessado em: 21 de junho de 2018.

RATTER, J.A.; RIBEIRO, J.F.; BRIDGEWATER, S. The Brazilian Cerrado vegetation and threats to its biodiversity. **Annals of Botany**, vol.80, n.3, p.223-230, 1997.

RIBEIRO, D.A.; MACÊDO, D.G.; OLIVEIRA, L.G.S.; SARAIVA, M.E.; OLIVEIRA, S.F.; SOUZA, M.M.A.; MENEZES, I.R.A. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, vol.16, n.4, p.912-930, 2014.

RIBEIRO, J.F.; WALTER, B.M.T. Fitofisionomias do bioma cerrado. In: SANO, S.M.; ALMEIDA, S.P. (Eds.). **Cerrado: Ambiente e Flora**, Planaltina: Embrapa-CPAC, p.89-166, 1998.

RISSI, M.N.; CAVASSAN, O. Uma proposta de material didático baseado nas espécies de Vochysiaceae existentes em uma trilha no cerrado de Bauru – SP. **Biota Neotropica**, vol.13, n.1, p.27-41, 2013.

SALVADOR, M.B.L. **Saber popular e autonomia nos assentamentos rurais**, 1º Edição, São Paulo, Ed. Biblioteca 24h, 145 p. 2011. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Cc-3k1DOeFMC;pg=PA171;dq=saber+popular+e+autonomia;hl=pt-BR;sa=X;ved=0ahUKEwie1tiSv_TaAhVGk5AKHT5KAmQQ6AEIKDAA#v=onepage;q=saber%20popular%20e%20autonomia;f=false>. Acessado em: 07 de maio de 2018.

SANGALLI, A.; VIEIRA, M.C.; HEREDIA ZÁRATE, N.A.; SCALON, S.P.Q. Desenvolvimento e produção da carobinha (*Jacaranda decurrens* Cham. subsp. *symmetrifoliolata* Farias; Proença) cultivada sob dois arranjos de plantas, com ou sem cobertura de cama-de-frango no solo. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, vol.13, n.4, p.439-446, 2011.

SANTOS, C.A.F.; OLIVEIRA, V.R.; RODRIGUES, M.A.; RIBEIRO H.L.C.; SILVA G.O. Similaridade genética entre cultivares de cebola de diferentes tipos e origens, baseada em marcadores AFLP. **Horticultura Brasileira**, vol.29, n.1, p.32-37, 2011.

SANTOS, M.A.; BARBIERI, A.F.; CARVALHO, J.A.M.; MACHADO, C.J. **O Cerrado brasileiro: notas para estudo**, UFMG-Cedeplar. p.1-15, 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE DO DISTRITO FEDERAL (SEMA). **Grilagem de terras é o maior problema ambiental do DF**. Disponível em: <<http://www.sema.df.gov.br/grilagem-de-terras-e-o-maior-problema-ambiental-do-df/>>. Acessado em: 15 de maio de 2017.

SILVA Jr., M.C.; BATES, J.M. Biogeographic patterns and conservation in South American Cerrado: a tropical savanna hotspot. **Bioscience**, vol.52, p.225-233, 2002.

SILVA, L.R.; MEDEIROS, P.V.Q.; LEITE, G.A.; SILVA, K.J.P.; MENDONÇA, V.; SILVA, G.G. Caracterização do fruto de *Morinda citrifolia* L. (noni). **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, vol.17, n.1, p.93-100, 2012.

SILVA, M.A.B.; MELO, L.V.L.; RIBEIRO, R.V.; SOUZA, J.P.M; LIMA, J.C.S.; MARTINS, D.T.O.; SILVA, R.M. Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas como anti-hiperlipidêmicas e anorexígenas pela população de Nova Xavantina-MT, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, vol.20, n.4, p.549-562, 2010.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.R.; STEHMANN, J.R. **Plantas da Medicina Popular do Rio Grande do Sul**. 5ª Edição, Editora Universidade/UFRGS, p.174, 1998.

SOUZA, E.R.B.; NAVES, R.V; OLIVEIRA, M.F. Início da Produção de Frutos de Cagaiteira (*Eugenia dysenterica* DC) Implantada em Goiânia, Goiás. **Revista Brasileira de Fruticultura**, vol.35, n.3, p.906-909, 2013.

SOUZA, L.F.; DIAS, R.F.; GUILHERME, F.A.G.; COELHO, C.P. Plantas medicinais referenciadas por raizeiros no município de Jataí, estado de Goiás. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, vol.18, n.2, p.451-461, 2016.

TOMAZZONI, M.I.; NEGRELLE, R.R.B.; CENTA, M.L. Fitoterapia popular: A busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto e Contexto Enfermagem**, vol.15, n.1, p.115-121, 2006.

TRANI, P.E.; CANTARELLA, H.; TIVELLI, S.W. Produtividade de beterraba em função de doses de sulfato de amônio em cobertura. **Horticultura Brasileira**, vol.23, n.3, p.726-730, 2005.

VÁSQUEZ, S.P.F.; MENDONÇA, M.D.; NODA, S.N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**, vol.44, n.4, p.457-472, 2014.

VEIGA-JÚNIOR, V.F.; PINTO, A.C.; MACIEL, M.A.M. Plantas medicinais: cura segura? **Química Nova**, vol.28, p.519-528, 2005.

VILA VERDE, G.M.; PAULA, J.R.; CANEIRO, D.M. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do Cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, vol.13, supl, p.64-66, 2003.